

Cultura

QUARTA-FEIRA · 03 DE MAIO DE 2023

Diário do Minho

ESTE SUPLEMENTO FAZ PARTE DA EDIÇÃO N.º 33777
DE 03 DE MAIO DE 2023, DO JORNAL DIÁRIO DO MINHO,
NÃO PODENDO SER VENDIDO SEPARADAMENTE



Entrada da Casa Rolão
Braga

PATRICIA FERREIRA



Por

JOÃO PAULO BRAGA

Univ. Católica Portuguesa - CEFH
jpbraga171070@gmail.com

Uma das romarias minhotas que melhor ilustram todo esse divertimento e essa indistinção entre festa e feira. Numa clássica monografia sobre a rainha do Cávado, de 1867, Domingos Joaquim Pereira, abade do Louro, enumera as grandes feiras barcelenses, destacando, claro, a das Cruzes.

NO MINHO, COM CAMILO NA FESTA DAS CRUZES



BARCELOS - CAMPO DA FEIRA

«Vista de arraial. É noute. Festões de lâmpadas de papel variegado pendem dos ramalhos das árvores. Mulheres a frigar, ao lado das pipas cobertas de ramos de folhagem. Barracas com botequins. Multidão de povo a beber à volta das pipas. Sinos repicando, e estouros de foguetes. De ambos os lados da cena, mas fora, se canta o “S. João” com vozes alternadas. Frederico passeia por entre o povo, mirando as raparigas. Os dois já conhecidos criados de Pantaleão, com as pernas encruzadas nos varapaus, medem de alto a baixo Frederico, e rompem a jogá-los um com outro. Frederico, por uma das suas evoluções maravilhosas de rapidez, desaparece. O povo ri-se, e ele reaparece logo, seguido por três cabos armados. Os cabos usam boné com debrum azul. Cessam as cantilenas, e rompe a banda musical de Santo Tirso, estrondosa em trompões, a qual entra em cena tocando uma marcha. Os músicos uniformes, de calça branca, casaco azul com vivos amarelos, o boné avivado da mesma cor. As figuras podem caracterizar-se caprichosamente. Em seguida, entra a Morgadinha, com o pai, Macário, Cosme Giraldes, e João Lopes. Cosme Giraldes é um sujeito gordo, aspeito sério, com os seus óculos, um todo de suma gravidade. Os circunstantes cedem o lugar aos recém-chegados, que formam grupos.»

O que acabamos de ler é a didascália escrita por Camilo para o segundo ato da peça *A Morgadinha de Vale d'Amores*, de 1870 (p. 67). Em boa verdade, não seriam precisos tantos informes sobre o cenário e o ambiente. Tratando-se de arraial minhoto, inevitavelmente haveríamos de compor a cena com muitas luzes, muita cor, música, foguetes, pipos de vinho, petiscos... todo aquele ambiente de transbordante alegria que ainda hoje caracteriza as nossas festas

populares. Muito mudou desde o século XIX. A romaria já não tem a mesma importância social, económica e religiosa de outros tempos, mas o povo teima em preservar as tradições, que o progresso vai modificando por fora, sem conseguir transformar por dentro. E nas festas populares dos oragos das nossas aldeias de hoje continuam a não faltar a música, os foguetes, as luzes, os comes e bebes, a alegria. Teixeira de Queirós, o Bento Moreno da *Comédia do Campo*, natural

dos Arcos de Valdevez, escritor oitocentista de boa nota, amigo de Camilo, realista e naturalista, na sombra do outro Queirós, deixou-nos um expressivo testemunho da importância que as festas populares minhotas tinham em tempos idos, no texto “Campos da minha terra”, publicado no número 1 da revista *Atlântida* (1915):

«As romarias e as feiras são os maiores acontecimentos do Minho. Naquelas de orago famoso, o divertimento é grande; mas por excessivo que seja o luxo do foguetório, de festa de igreja, de música vinda de longe, nenhuma dispensa o tradicional zabumba, e sua caixa de rufo, havendo às vezes duas parelhas, quando o mordomo é liberal.

Entre romarias e feiras se passa toda a alegria campesina. As romarias são feiras em parte e as feiras têm a bulha alegre das romarias. Esta população ativa e remexida, mostra tanto de religiosa, como de comerciante.»

(“Campos da minha terra”, in *Atlântida*, n.º 1, p. 51).

Uma das romarias minhotas que melhor ilustram todo esse divertimento e essa indistinção entre festa e feira. Numa clássica monografia sobre a rainha do Cávado, de 1867, Domingos Joaquim Pereira, abade do Louro, enumera as grandes feiras barcelenses, destacando, claro, a das Cruzes:



CAMILO CASTELO BRANCO

«Barcelos é uma povoação farta de todos os géneros necessários à vida, porque nela há grande mercado em todas as quintas-feiras do ano, talvez o mais concorrido de todo o reino; porque todos os dias o há na Praça Nova de D. Pedro 3.º e nas lojas da vila; porque também o há anualmente nos dias 1, 2 e 3 de maio, por ocasião do tríduo da festividade das Cruzes, a cuja feira concorrem também cavalgadas e inumeráveis cousas necessárias à vida, convenientes e deliciosas ao tato, e ao apetite; e porque também tem feiras mais concorridas nas quintas feiras do Corpo de Deus e da semana santa.»

(Memória histórica da vila de Barcelos, Barcelinhos e Vila Nove de Famelicão, 1867, p. 47).

Comprova igualmente a importância das Festas das Cruzes no século XIX, com aqueles aspetos sublinhados por Teixeira de Queirós, esta descrição apresentada por José Augusto Vieira no seu *Minho Pitoresco*, de 1887:

«Do templo da Cruz sai a procissão dos passos, a mais imponente que se faz em Barcelos, costumando nesse dia afluir à vila grande número de pessoas tanto do concelho como de fora. Esta concorrência, porém, não faz desmerecer a da grande feira das cruzes em

3 de maio, que é o dia de arraial mais deslumbrante que a vila pode presenciar. As solenidades religiosas no templo correspondem, pelo seu esplendor, ao movimento extraordinário que nesse dia existe, quando sobretudo o sol de primavera doira o imenso formigueiro humano, que enche o largo campo. Depois há corridas e prémios para o gado bovino e cavalgar, há barracas, há iluminação, há músicas; um céu aberto o Barcelos desse dia!»

(O Minho pitoresco, 1887, vol. II, p. 135).

Estando a obra de Camilo tão enraizada no Minho, é de esperar que nela se toquem referências às tão importantes festividades das Cruzes de Barcelos. E temo-las, efetivamente. No mesmo volume, sob o título *Teatro Cómico*, juntou Camilo à peça *A Morgadinha de Val-d'Amores*, uma outra, intitulada *Entre a flauta e a viola*, cuja cena decorre numa estalagem de Barcelos. No diálogo entre Guterres e o criado, depara-se-nos esta referência às Cruzes:

«Criado

Sempre V. S.ª está um poeta daquela casta! Lembra-se da filha do regedor de Guilhabreu que cá esteve na festa das Cruzes há cinco anos?

Guterres

Lembro. Era uma trigueirita de olhos pretos...

Criado

E os versos que V. S.ª lhe botou? A gente sempre se ria...

Guterres

Ah! vocês riam-se dos versos? Tens tu a felicidade bestial de te rires da poesia? O talento pode contar com o coice até em Barcelos...»

(Teatro cómico, 1870, p. 153-154)

O que na passagem transcrita temos é, no fundo, o velho tópico da romaria como espaço de relações amorosas, tradição que, na literatura, remonta às “cantigas de romaria” dos trovadores galego-portugueses. Espaço de amor, o romaria é, também, tradicionalmente espaço de violência, com rixas e ajustes de contas. Temos eco dessa vertente das festas populares num passo da novela *A Morgada de Romariz* (1876), quando o Joaquim Faisca lamenta ao amigo, o temível salteador Luís Meirinho, que o sovina do pai o não livre do serviço militar em Valença, donde desertara:

«— E que hei de eu fazer, se ele me não livrar? — perguntou Joaquim.

— Eu sei lá, rapaz! Se o teu livramento depende do dinheiro do teu pai, não quisera eu estar-te na pele! Levas as chibatadas da lei tão certo como eu quisera valer-te e não posso. Conheço-te desde rapazito, e nunca me há de esquecer que vai agora em dez anos, na romaria das



Cruzes de Barcelos, me acudiste num aperto e quebraste três cabeças, enquanto eu quebrei duas. Olha, Faisca, se te vires em apuros, procura-me; livrar-te de desertor, isso não posso eu; mas das chibatadas e da farda eu te livrarei...

— Como?

— Isso são contos largos...

Aí vem teu pai ao fundo da rua. Vou-me embora, que não posso encarar aquele sórdido avarento! Se eu soubesse que ele tinha o dinheiro no bucho, tirava-lho pelas goelas e dava-to, rapaz!»

(*A Morgada Romariz*, in *Novelas do Minho*, ed. Glaciar, 2019, p. 154).

A formosa igreja do Senhor Bom Jesus da Cruz, construída no séc. XVIII, onde primitivamente existiu uma ermida, o largo campo das Cruzes, a romaria e a feira — tudo começou com a conhecida lenda do milagre das Cruzes, no longínquo dia 20 de dezembro de 1504. Dele nos dá conta D. João de Castro, no interessante livro *Jornadas no Minho*, publicado em 1906. Como o título indica, trata-se de crónicas das excursões que o autor fez pelo “jardim de Portugal”, com paragem obrigatória

em Barcelos e visita à igreja do Senhor da Cruz:

«Veríssimo propôs-nos uma visita à igreja do Senhor da Cruz, célebre por ser a sede duma das maiores romarias do Minho.

Em frente do templo, o metódico guia quis saber se nós tínhamos vindo alguma vez a Barcelos por ocasião da festa das Cruzes. Respondemos que não — envergonhados pela mímica de desprezo com que o homem acolheu a nossa ingénua confissão.

— Isso cai aí o poder do mundo !... É em maio.

Condoído da nossa ignorância contou então, difusamente, a lenda das Cruzes.

Em 1504, numa fria sexta-feira de dezembro, aparecera ali, naquele mesmo campo, então ainda fora dos muros de Barcelos, uma grande cruz pintada no chão... O povo, crente e desconhecedor da origem terrena das tintas, viu no facto um milagre incontestável e elevou para o céu os braços implorantes...

Desde então começou o fenómeno a repetir-se todos os anos — e profusamente. Com o desenvolvimento da química



BARCELOS - BASÍLICA DO BOM JESUS E MISERICÓRDIA



industrial, o número das cruzes foi aumentando. Principiaram mesmo a aparecer duas vezes por ano: em maio, na ocasião das festas, e em setembro, no dia em que a Igreja celebra a exaltação da Santa Cruz... Ao contrário do que poderia supor-se, o prodígio ainda hoje se repete: olhos de eleitos têm visto o sinal divino perfeitamente pincelado no chão arenoso do Campo da Feira. A este perseverante favor do Céu se deve, na opinião de Veríssimo e na minha, a fama e a prosperidade, sempre crescentes, da grande romaria barcelense.»

(*Jornadas no Minho*, 1906, p. 333-334).

Voltando a Camilo, outra faceta do admirável polígrafo foi a tradução, quer do francês quer do inglês. Uma das obras que Camilo verteu é o livro de viagens *Fair Lusitânia*, de Lady Jackson (1824-1891), publicado em 1874, um ano depois de por cá ter andado a autora, que nele registou as suas impressões sobre a nossa “formosa Lusitânia”. O interesse desta tradução do mestre de Seide vai para além do da qualidade habitual das suas traduções: são saboríssimas as notas com que o tradutor comenta e corrige a autora. Ora, a propósito de Barcelos, escreve Lady Jackson:

«É soberba a vista da ponte. Barcelos também teve seu farto quinhão de mosteiros. Afora outros edifícios antigos, tem ruínas de um paço real e uma curiosa e antiga igreja com o adro apilarado. A respeito desta igreja há muitas fábulas. Contaram-me que uma das superstições é que em certos dias do ano aparecem cruzes no ar a pairarem sobre a vila, e que o céu protege particularmente as crianças nascidas nesses dias.»

Começa Camilo por corrigir a autora para, logo de seguida, refutar o carácter lendário do fenómeno e confirmar a sua veracidade, estribado no testemunho do abade do Louro, autor da monografia acima citada:

«Percebeu mal o que lhe contaram. As cruzes não aparecem no ar, é na terra; e

o facto das cruzes no Campo da Feira, pode pertencer à geologia, mas não à lenda. Destas cruzes falam dez autores graves que tenho à mão; e um deles, o mais recente, é o Sr. Domingos Joaquim Pereira, atual abade de Santa Lucrécia do Louro, pessoa séria e de letras que assim se exprime na *Memória Histórica da Vila de Barcelos*: “Eu mesmo e os meus contemporâneos somos testemunhas oculares das três cruzes que em fileira apareceram e se conservaram muitos anos até que desapareceram...; a do meio maior e as duas dos lados menores, mas todas bem formadas, como demonstrando as três do calvário; e as quais foram ali veneradas, com flores e luzes em volta, pelo seu zeloso devoto o Maricoto velho de cima da vila...”

Como se não bastasse o testemunho autêntico deste “Maricoto velho”, o Sr. abade de Louro robustece a demonstração com outros argumentos, e conclui: “Cala-te, soberbo pensador! e, se razões não descobres para explicar neste ponto as vistas e os decretos da divindade, descobre-as ao menos, para as adorar, etc.”

Mas não se fica por aqui Camilo. Demonstrando estar bem documentado acerca da história e tradições barcelenses, reforça a sua fundamentação com um excerto do célebre tratado de Frei Pedro de Poiães, no qual o autor demonstra a superioridade de Barcelos em relação a... França. Não pense já o leitor que é por causa do galo... Não. É por causa das cruzes!

«Há um livro, a respeito destas cruzes, não menos devoto, e muito mais noticioso. É o Tractado panegyrico em louvor da Villa de Barcelos por rezam do *aparecimento de cruzes que nella apparecem*. Deu-o à luz fr. Pedro de Poyães, em 1672.

O título do capítulo 53 é: “Compara-se França com Barcellos”. França não fica de melhor partido, porque fr. Pedro remata a confrontação deste modo: “Se França está autorizada com coroa de

espinhos, lança, redoma de óleo, flores de lis e auriflamma, Barcellos não menos está autorizada com aparecimento de tantas cruzes: se estas cruzes que se acham em França ennobrecem ao reino de França, o aparecimento de cruzes ennobrece Barcellos.”

Está dito.»
(*A Formosa Lusitânia*, 1877, p. 368-369).

Começamos com o Camilo dramaturgo, seguimos com o Camilo ficcionista e o Camilo tradutor. Mas este multifacetado gigante das letras foi também editor de velhos manuscritos, que colecionava e lia com a avidez de bibliómano. É o caso do texto “Um viajante no Minho em 1785”, de autor anónimo, que Camilo publicou no *Comércio do Porto* em 1867 e no ano seguinte recolheu no volume *Mosaico e silva de curiosidades históricas, literárias e biográficas*. O viajante deixa-nos este pitoresco postal do Campo das Cruzes, com a fonte, o convento de S. Francisco, mais tarde hospital da Misericórdia, a igreja da ordem terceira e o Senhor da Cruz:

«O Campo das Cruzes é formoso e mais belo o faz uma grande fonte, que lhe fazem agora com muitos assentos paralelos à mesma. Também o adornam muito o convento dos Capuchos, igreja das Terceiras, freiras bentas. A capela do Senhor fica a um lado, porém mais para o meio que os outros edifícios. Busquei e mais dous rapazes, a quem paguei, as célebres cruzes, que me disseram ainda lá se viam havia dous dias, mas nada pude divisar.»

(*Mosaico e silva de curiosidades históricas, literárias e biográficas*, 1868, p. 192).

Poderá o leitor não ter a graça de ver as cruzes no chão, tal como não teve o anónimo viajante, mas o que todos os anos vê de certeza, nos primeiros dias de maio, é o “milagre” de tanta gente encher Barcelos, tornando pequeno aquele amplo espaço, para festejar as Cruzes, a abrir o ciclo das romarias que pintam de alegria a primavera e verão desse “Minho tão festeiro”, como diz algures Camilo.





Por
RICARDO SOARES
(apetece.me.escrever
@gmail.com)

Apetece-me Escrever... As Favas



Caro leitor, não se deixe intimidar pelo título desta crónica, garanto que hoje - como sempre - irei escrever sobre literatura.

A par da literatura conservo como um dos meus grandes prazeres da vida a gastronomia mas desengane-se porque não irei partilhar receitas nem sugerir restaurantes. Imagine, lembrei-me de escrever sobre gastronomia porque Abril/Maio é o mês da colheita das favas, adoro umas belas favas guisadas com entrecosto, chouriços e morcelas, ou um simples arroz de favas... Oh oh...com um harmonioso vinhão daqui do Minho a coisa até estala...

E sempre que como favas vem-me logo à memória um sublime excerto de Eça de Queiroz no seu último livro “A Cidade e as Serras” publicado em 1901:

“...Estava precioso: tinha fígado e tinha moela: o seu perfume enternecia: três vezes, fervorosamente, ataquei aquele caldo.

- Também lá volto! - exclamava Jacinto com uma convicção imensa. - É que estou com uma fome... Santo Deus! Há anos que não sinto esta fome.

Foi ele que rapou avaramente a sopeira. E já espreitava a porta, esperando a portadora dos pitéus, a rija rapariga de peitos trementes, que enfim surgiu, mais esbraseada, abalando o sobrado - e pousou sobre a mesa uma travessa a transbordar de arroz com favas. Que desconsolo! Jacinto, em Paris, sempre abominara favas!... Tentou todavia uma garfada tímida - e de novo aqueles seus olhos, que o pessimismo enevoara, luziram, procurando os meus. Outra larga garfada, concentrada, com uma lentidão de frade que se regala. Depois um brado:

- Ótimo!... Ah, destas favas, sim! Oh que fava! Que delícia! E por esta santa gula louvava a serra, a arte perfeita das mulheres palreiras que em baixo remexiam as panelas, o Melchior que presidia ao bródio...

- Deste arroz com fava nem em Paris, Melchior amigo!...

...Mas nada o entusiasmava como o vinho de Tormes, caindo de alto, da bojuda infusa verde - um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo...”

Eça de Queiroz aproveita a culinária para falar sobre as

peçoas, a política, o nível social, sobre a influência de França em Portugal ao nível das comidas, etc. e não são poucos os autores que incluem a gastronomia nas suas histórias, apresentando-a como um lugar de memória, sedução, poder, estrato social e outros. Além de Eça, podemos percorrer algumas incursões de Fernando Pessoa, Camilo Castelo Branco, Miguel Torga, Aquilino Ribeiro, Alves Redol, Fialho de Almeida, etc., há linhas e linhas que são clamorosas descrições de cozinhados suculentos e aprimorados. “O maior pensar da criatura humana é comer; desde que o homem nasce até que morre anda a procurar o pão para a boca.”, Padre António Vieira.

Igualmente aconselho a percorrer os inúmeros livros de Camilo Castelo Branco, algumas invulgares citações relacionadas com alimentação levam-nos a (re)descobrir o modo de confecção da época. Desde a truta de escabeche ao toucinho-do-céu, da broa de milho à caça das perdizes e coelhos, desde a canja de galinha à galinha “alourada” ou ao fumeiro e enchidos, as dezenas de citações e receitas que compõem as suas obras certamente irão agradar os amantes da

cozinha. Há uns anos coloquei numa exposição, juntamente com um manuscrito do próprio, a 1.ª edição do livro “A brasileira de Prazins: scenas do Minho / Camillo Castello Branco. - Porto : Ernesto Chardron, 1882”, e entre Chefs e Historiadores abordamos as suas prováveis refeições predilectas. Exponho agora alguns fragmentos e referências alimentares e gastronómicas registadas na obra de Camilo de Castelo Branco, A Brasileira de Prazins:

“...Ela descobriu a travessa a rir-se: - Vossa Majestade diz que gosta... - Sardinhas de escabeche? Se gosto!... Vamos a elas, que estão a dizer - comei-me. E atirou-se às sardinhas com uma sofreguidão pelintra...” ; “...A criada apareceu então esfandegada para pôr a mesa, que estava a ceia pronta, e que o frango com arroz não esperava - que era preciso comê-lo logo que estava feito...” ; “... Parece-me que sim - o padre limpava à pressa os beiços amarelos dos ovos do arroz-doce...”

Apetece-me pedir aos romancistas: deixem as vossas personagens comer, beber e rir à descarada porque a literatura também é comestível.

Verba volant, scripta manent

Apetece-me pedir aos romancistas: deixem as vossas personagens comer, beber e rir à descarada porque a literatura também é comestível.



Por
MANUEL ALBINO PENTEADO NEIVA

EVOCANDO O QUINQUAGÉ S DA MORTE DE MANUEL DE

Para que a nossa Memória fique avivada, gostaríamos de referir os 19 momentos de Homenagem a Manuel de Boaventura.

É claro que queremos sempre mais e, sobretudo, que se atinja o mais desejado – que se leia a sua Obra.

MOMENTOS DE HOMENAGEM

No dia 25 de Abril de 1973, no cruzamento da Senhora da Saúde, em Esposende, num trágico acidente de viação, morreu aquele que, no nosso entender, melhor cantou o Povo do Minho.

Manuel de Boaventura assinou os seus trabalhos como Manuel de Boaventura, Ruben, Bruno Evata e Gil de Reboredo.

Para além dos livros editados, M. Boaventura deixou-nos uma obra, até agora, quase inteiramente desconhecida. Uma obra composta por centenas de artigos dispersos em periódicos sediados desde a capital até aos mais recônditos lugares deste país.

Tornava-se urgente a recolha sistemática de tudo aquilo que Manuel de Boaventura nos legou – os seus Dispersos ou Esparsos espalhados por mais de 42 periódicos e 300 artigos.

Como se pode imaginar, trata-se de um trabalho hercúleo já que a dispersão geográfica destes periódicos é enorme e também porque, a maior parte das vezes, só com outra documentação indirecta é que chegamos ao artigo publicado. Para a prossecução deste trabalho contamos, então,

com o apoio da saudosa filha do Escritor, D. Amélia Boaventura, que simpaticamente nos facultou muitos elementos e possibilitou, tantas vezes, a consulta à Biblioteca da Casa de Susão.

Temos consciência que muitos textos não conseguimos identificar / localizar, o que, certamente, só será possível aquando for realizado o apurado estudo epistemológico nos arquivos do escritor.

Da leitura das centenas de artigos, agrupamo-los por temáticas o que deu origem a seis volumes que vão ser inseridos na Série “DISPERSOS DE MANUEL DE BOAVENTURA” e que no dia 26 de Abril, se apresentou o PRIMEIRO VOLUME intitulado “TEXTOS E ANOTAÇÕES SOBRE MANUEL DE BOAVENTURA”.

Seguir-se-ão as **BIOGRAFIAS, VIAGENS, CONTOS E NARRATIVAS, NOTAS ETNOGRÁFICAS e VÁRIAS.**

Para este primeiro volume consultamos e lemos artigos em 12 Periódicos – Aurora do Lima, Cávado, Correio do Minho, Diário do Minho, Estrela do Minho, O Fangueiro, Jornal de Barcelos, O Século Ilustrado, Jornal de Fama-



licão, Notícias de Basto, Primeiro de Janeiro e Terra Minhota.

Quisemos saber o que outros Autores, Jornalistas e Homens de Letras, pensavam sobre Manuel de Boaventura, sobre a sua Pessoa e Obra.

Manuel de Boaventura confessou a Fernando Soares (Escola Remoçada) que descendia “duma dinastia de professores. Por

alturas do reinado de D. Maria II, um bistio foi mestre-régio encartado. Meu Pai, como seu Irmão e meu Tio, Manuel Inácio, antigo professor da Escola Normal do Porto e insigne matemático, foram professores; como professores diplomados são os filhos deste meu Tio: o brigadeiro Renato Boaventura, o caricaturista e jornalista

Manuel de Boaventura para além dos livros editados, deixou-nos uma obra, até agora, quase inteiramente desconhecida, composta por centenas de artigos dispersos em periódicos sediados desde a capital até aos mais recônditos lugares deste país



100 ANIVERSÁRIO BOAVENTURA

Octávio Sérgio e o jornalista de grande nome que foi Armando Boaventura, há poucos meses falecido. No ano findo, uma minha neta diplomou-se na Escola de Braga, e é provável que outra lá seja admitida. A dinastia prolonga-se...

A José de Melo (Diário Ilustrado), quando questionado sobre a importância de ser-se escritor, respondeu sem delongas “continuo a rota de escrívão da puridade do engenhoso saber do Povo; e este, sim, merece lugar de relevo, entre os produtores de Beleza” e quanto a projectos futuros disse “Nada tenho em projecto; se o ambiente perguejante se manifesta e uma boa ideia, um pensamento, tradição, conto ou lenda, vêm ao meu encontro, faço a recolha em alor do venerando passado. O meu Papel consiste, apenas, em

trasladá-los à minha maneira, para o papel, por impossibilidade de fonografar as vozes, que vêm de longe, nas asas invisíveis dos ventos milenários”.

Dele falaram os jornalistas António Pinto Machado (Diário do Norte), José Casimiro (Estrela da Manhã), Fernando Vitorino de Sousa (Gazeta Literária) que um dia entrevistando Boaventura, dele disse ser “um desses cabouqueiros das letras que hoje roubamos à doce paz da casa aldeã, para o trazermos às luzes ofuscantes do néon citadino, pedindo-lhe, insistindo, até, para nos dar um pouco daquela luz que dimana do seu espírito como um farol na costa, em dia de tempestade”. Pinto Machado lamenta que o nosso Escritor não ande “badalado, semanalmente, nas páginas literárias onde se incensam valores

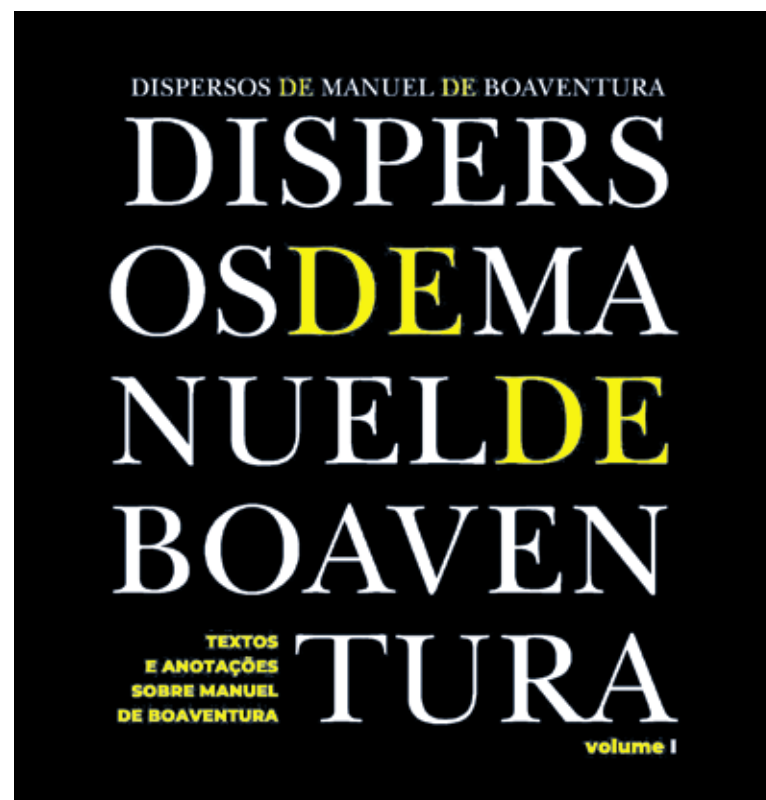
duvidosos” pois a única arma que tem é uma “pena honrada e uma devoção às coisas simples, um amor tão entranhado ao que é nosso e à riqueza do povo”.

Guedes de Amorim (Século Ilustrado) questiona-se, mesmo, sobre a razão de não ter sido, ainda feita uma Homenagem Nacional a Manuel de Boaventura “escondido por modéstia e simplicidade, mas bem digno de enfileirar ao lado dos maiores valores das Letras Nacionais”. Por onde anda a Sociedade Portuguesa de Escritores? Pergunta.

Jerónimo de Castro (Jornal de Famalicão) fala na urgência em “arrancá-lo à sua modéstia, ao seu isolamento”. Sabe que um dos seus prazeres é “apertar as aduelas do seu branco de três estalos, a haurir o perfume forte das terras que aduba e calca, à beira das árvores de poda, nos regos que orienta para as courelas mais secas, nos arabescos que desenha nos pedaços de almargem para os bezeros de engorda, e sob os frondes do jardim do seu quintal maneirinho como todas as hortas do Minho onde há poesia e encanto”.

O filósofo Pinharanda Gomes (Jornal de Lousada) fala de Boaventura citando Miguel Unamuno e Agostinho da Silva. Todos eles, cada um à sua maneira, só ama aquilo que conhece e Manuel de Boaventura “amou o bom povo português expressando o Minho - cabeça da terra onde o sol não tem ocaso”.

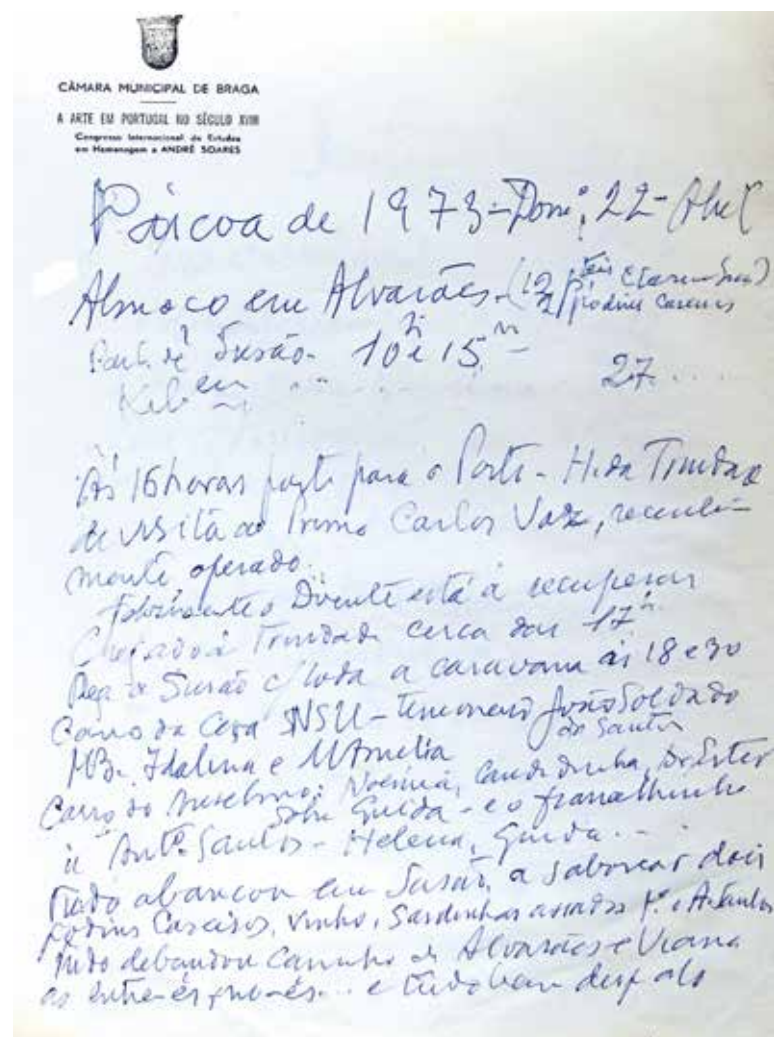
Antonino Tavares (A Vanguarda) fala-nos do escritor “prosador de mavioso temperamento... suave e lírico na frase e no medo astuto como a sabe urdir e burilar”. António Filipe N. Soares (Correio do Minho) define-o como “fascinante pela simplicidade da linguagem, rica na expressão, castiça e folclórica pelo entroncamento no lendário do povo e universal na captação dum pensamento comum”.



Mas foram tantos outros jornalistas e autores que dele falaram, Hipólito Reis (O Fangeiro), Eduardo Regado, Luís Pinheiro, Manuel Militão, Gomes da Costa (Diário do Norte), Rafael de Barros Soeiro (Correio do Minho), José Rosa Araújo (Notícias de Viana), Manuel Monteiro, Antero de Figueiredo, João de Araújo Correia, Amândio César, Ferreira de Castro...

Ao longo de 63 anos de vida literária Manuel de Boa-

ventura “misturando-se com um povo que ele pinta com a sua prosa rica, e ressuscitando tradições, justificando-as ou mantendo-as” sempre procurou “afanosamente guardar nas suas páginas não só o vocabulário popular e as tradições mais arreigadas - e até algumas mais esquecidas - das gentes minhotas, mas também o povo como classe, arreigado a tudo o que o autor considera de mais são e de mais puro”.



DO MINHO

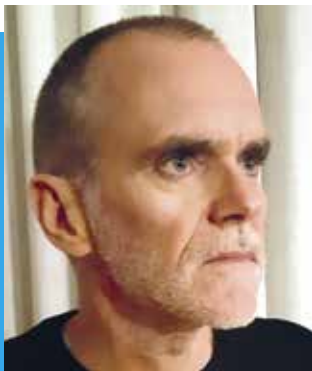
AO ALGARVE

A UM MÊS DE UMA GRANDE ROMARIA...

Por
M. de Boaventura

SÃO JOÃO
EM BRAGA

17. Maio. 58



Por
Miguel Amorim

Doutor em Filosofia/Investigador



A greve em movimento (IV)

1. Na continuação de uma série de textos que, à imagem do tema, teima em continuar, ainda faz sentido colocar uma questão simples e, necessariamente, ingénua, dividida entre dois artigos: *O que é uma/a greve?* A básica e incontornável consulta de dicionários em várias línguas e datas de publicação sublinha, tanto o carácter histórico (a historicidade), como o carácter conceptual (ou, por um vocabulário em desuso, “ideológico”), de tal forma que seria possível demonstrar que a corrente (e relativa) vaga de greves europeias ainda se continua a processar como se a história tivesse parado nos finais do século XX; e, daí, que se tenha quase - quase, quase - tornado um pano de fundo esperado em cada telejornal diário e como mais uma peça de mobiliário para meia dúzia de paisagens urbanas. Na definição italiana para o termo *sciopero* (greve), *Abstenção colectiva do trabalho pelos trabalhadores, sob a tutela dos seus próprios interesses*, pode ler-se algum crédito para a tese (ou fábula) de uma intransponível confluência histórico-conceptual entre o teológico e o económico, caso se fale de uma *abstinência do trabalho* a relacionar com a expressão *economia da salvação* (na qual está mais de que subentendida a impossibilidade de uma salvação da, ou pela, economia).

2. Continuação em forma de esboço de uma filmografia para o cinema em greve.

A Classe operária ascende ao Paraíso (Elio Petri, 1972):

apesar da promessa, ou ironia, do título e da intromissão programada da greve, pouco mais do que um filme para a categoria *Filmes de/para festivais*, sub-género “Cinema político” - tendo, de resto, cumprido a sua função categorial e vencido a Palma de Ouro do Festival de Cannes

A partir de uma ousada, desconcertante e discutível fusão de Marx com Espinosa, a filosofia de Antonio Negri condicionou, em termos biográficos, o que (nem sequer muito) metaforicamente se designaria por “sujar as mãos” e, sem acaso, faz com que este seja um dos filósofos do século XX mais documentados. Em termos que não poderiam ser mais práticos, *Antonio Negri: uma revolta interminável* (Alexandra Weltz - 2004) perfila um professor universitário designado “Inimigo do Estado” ao longo de uma história dos movimentos radicais de esquerda na Itália durante os anos 60 e 70 ancorada em imagens de arquivo de greves de trabalhadores, ocupações de fábricas, acções terroristas, confrontos violentos nas ruas, repressão política e julgamentos de dissidentes pelo governo, sem que alguma vez o filme esboce um gesto teórico coerente. A complementar com o documentário televisivo sueco *Poder operário* (Carl-Henric Svenstedt, 1970) sobre as lutas dos trabalhadores italianos no verão de 1970 e, inevitavelmente, com aparições de Negri.

Metello (Mauro Bolognini, 1970): em Florença, no princípio do século XX, um jovem



da classe trabalhadora cresce praticamente órfão devido às repetidas prisões do pai por ativismo anarquista e, como que programado, envolve-se cada vez mais no movimento operário. O subtítulo acrescentado ao título português, *Homem de muitos amores*, reflecte involuntariamente a incapacidade para pensar as esferas do público/privado para lá de débeis convenções de géneros - ao contrário do que se verifica acentuadamente com Renoir, com a exemplaridade política de um filme ilusoriamente frívolo como *Helena e os homens* (1958).

Irmão (Werner Hochbaum, 1929): actualização da matriz teológico-política de Caim e Abel no contexto de uma greve de estivadores no porto de Hamburgo em 1896-97, ou, irmão grevista contra irmão polícia.

O Punho (Norman Jewison, 1978): um trabalhador ascende na hierarquia de um sindicato

da indústria de caminhões até se tornar presidente do sindicato, mas as ligações com o crime organizado programa a sua queda. Embora não ocupe o centro de um filme com o enredo precedente, e por um mínimo de verosimilhança histórica medida por Hollywood, a greve não poderia deixar de estar presente, mas, ainda assim, o âmago do filme não poderia ser mais visível e reduz-se às ressonâncias do título *F.I.S.T.*: acrónimo (em inglês) para Federação de Camionista Inter-Estatais e, à letra do punho (*fist*), resposta à estética melodramático-desportiva concedida por *Rocky* (John G. Avildsen, 1976) a Stallone: actor e cineasta suficientemente inteligente para admitir, no contexto de uma entrevista ao jornal NME sobre *Rocky III*, que o carácter colectivo do cinema impedia, no limite, qualquer pretensão artística (independentemente do aspecto fabuloso de uma “sétima arte”).

Continuação em
forma de esboço
de uma filmografia
para o cinema
em greve